Centenário do Prof. Doutor João Otávio Lobo

Vinicius Barros Leal

O INSTITUTO DO CEARÁ celebra, nesta solenidade simples, cordial e significativa, o centenário de nascimento de um cearense que fez da vida uma duração fecunda e meritória, o Professor Dr. João Otávio Lobo. Personalidade incansável, só abandonou a tenda de suas lutas quando se transferiu para a perpetuidade de nossa admiração, deixando a intensidade da nossa estima como epitáfio de suas virtudes.

Foi ele um raro espírito, capaz de tornar-se prestigioso e influente pelo completo domínio de uma vontade firme e corajosa e ativa demonstração de um talento fora do comum. Escolhendo a Medicina para expressão dessa determinação bem consciente, opulentou-se com grande abundância de saber e permanente aptidão para desenvolver suas faculdades de observação e análise, aliados estes predicados a uma invulgar capacidade de crítica e uma intuição perspicaz e atilada.

Nascido em Santa Quitéria, a 4 de novembro de 1892, iniciou os seus estudos sob a orientação do Padre Antonio Tabosa Braga, educador de grandes e reconhecidos méritos, bem preparado para o honroso trabalho pelos antigos professores do Seminário da Prainha. O Monsenhor Tabosa dirigia, na cidade sertaneja que paroquiava, o Colégio São Luís e a ele foi confiada a educação escolar, moral e cívica do filho muito amado do casal Manuel Alves da Fonseca Lobo e D. Laura de Carvalho Lobo. Com as primeiras letras recebeu o jovem estudante os incentivos de uma vida mais perfeita e daí a sua resolução, amparada pelos pais, de transferir os seus estudos para o Seminário da Prainha, em Fortaleza. Em 1906, ali foi matriculado sob o nº 1128, tendo, no primeiro ano, por colegas de classe, o futuro D. Aureliano Matos, o futuro colega de Faculdade Nelson de Araújo Catunda e Cícero Gurgel Perdigão, entre outros.

Da turma imediatamente anterior vinham-lhe ao encontro outras esperanças da inteligência cearense, como Heleno Moura, Geminiano Bezerra, que foi, mais tarde, o nosso estimado Padre Nini, Leocádio de Araújo, Gilberto Studart, Carlos Ribeiro de Sabóia, engenheiro que alcançou grande renome, Francisco Rosa, o nosso conhecido Mons. Rosa, e Plínio Memória. Outros ainda se acrescentaram, no ano seguinte, como Amando Holanda Cavalcanti, Belo da Mota, Olavo Oliveira, Azarias Sobreira, Catão Sampaio, Austregésilo de Ataíde, José Leite Maranhão e outros que, como alguns dos citados, se enfadaram do excesso de latim e preferiram caminhos os mais diversos.

Completando, no Seminário, o curso que correspondia ao atual segundo grau, João Otávio, já com boa preparação intelectual, moral e religiosa, seguiu para o Rio, iniciando ali os estudos de preparação à carreira médica, a de sua especial vocação. Foram seus companheiros de jornada estudantil, nos seis anos do curso, os jovens cearenses Antonio Xavier de Oliveira, Atualpa Barbosa Lima, Carlos Studart Filho, nosso ex-secretário geral e ex-presidente perpétuo, Euclides Solón de Pontes, Francisco Fontenelle Bizerril, José Pinto de Mesquita, de família de Santa Quitéria, Luís Viana, Pedro Herbster Menescal e Rufino de Alencar Neto. Quase todos retornaram ao Ceará depois de formados, em 1918.

Interessado que era no rápido aprendizado, procurou desde logo o convívio mais próximo das enfermarias, a visita freqüente aos laboratórios de análises clínicas e a presença mais assídua à biblioteca da Faculdade da Praia Vermelha. Conseguiu ser aluno interno do Hospital da Marinha e, logo mais, também lugar de interno no Hospital do Exército. Com esta experiência inicial, habilitou-se a trabalhar na Enfermaria do Prof. Miguel Couto, modelar professor de Clínica Médica, paradigma de retidão de caráter e lente incomparável, que interessadamente acompanhava o desenvolvimento cultural dos seus pupilos que julgava mais prometedores, imprimindo neles as qualidades que lhe sobejavam. Com Miguel Couto e o Prof. Austregésilo, outra figura exponencial do ensino médico do Brasil, este, na Clínica Neurológica, o Acadêmico Otávio Lobo aproveitou bem o precioso tempo, recebendo deles influxos suficientes para uma orientação de vida profissional inatacável, a par do desenvolvimento contínuo da privilegiada inteligência, já bem formada e informada.

O Dr. Lobo foi um destes estudantes de Medicina que se impõe pela curiosidade científica e o conveniente apresto individual. Ciente do significado da verdadeira tarefa de médico que teria pela frente, procurou dominar o conhecimento das leis naturais que regem a Fisiologia e o psiquismo humano. Daí, mais tarde, os êxitos na vida profissional, que se iniciaram com a feitura e a defesa da tese intitulada "Em torno do diagnóstico", na qual expressou conceitos, formulou idéias e definiu pensamentos e críticas. Foi um trabalho de apreciação e avaliação de um segmento da cadeira de Patologia Geral.

Retornando ao Ceará, preferiu inicialmente localizar-se em Santa Quitéria depois em S. Benedito, próximo aos parentes do lado materno, residentes na Ibiapaba. O Dr. Lobo era neto materno do Cel. Francisco Alves de Carvalho, que, a 2 de novembro de 1920, no seu sítio Campo Grande, comemorou festivamente cem anos de idade, em pleno gozo de suas faculdades, irradiante de alegria, cercado de inu-

merável massa humana que o homenageava, entre os quais os doze filhos vivos dos dezenove que teve, acompanhados de seus familiares.

A demora em S. Benedito foi, apenas, de meses. Logo mais se encaminhava o jovem médico para a Capital. Casou em junho de 1919 com D. Maria de Lourdes Bezerra de Menezes. Era a união de dois rebentos das famílias mais antigas e tradicionais dos sertões centrais do Ceará que se ligavam numa comunicação de vida sobrenaturalizada pela Graça. A fixação definitiva em Fortaleza deu-se no começo da década de vinte. Também essa época foi a do reconhecimento mais difundido do valor intelectual do Dr. Lobo, logo nomeado Professor substituto da cadeira de Medicina Pública da Faculdade Livre de Direito do Ceará. Em 1932, passou, por promoção, à função de catedrático do Curso de Doutoramento, na cadeira de Psicopatologia Forense. O Dr. Raimundo Girão, nosso saudoso confrade, seu ex-aluno, nas páginas de sua "História da Faculdade de Direito do Ceará", documenta o geral conceito do titular, dizendo de suas aulas: "eram de beleza expositiva, sempre revestidas de caráter científico, com clareza e estilo", na verdadeira significação destas palavras.

No Curso de Odontologia, assumiu o nosso homenageado de hoje a cadeira de Fisiologia, no ano seguinte, ao lado do Dr. Carlos da Costa Ribeiro, de Demócrito Rocha, Mozart Catunda e Pedro Veríssimo. Na atividade de Professor alcançou os mais destacados postos, chegando, por seus méritos, à direção da Faculdade de Direito.

No setor da Saúde Pública não foi de menos relevo a sua atuação. A 10 de novembro de 1923 foi nomeado médico auxiliar do Serviço de Profilaxia da Lepra e das Doenças Venéreas, daí passando, no ano seguinte, para o cargo de Médico-Chefe do Dispensário Oswaldo Cruz, e, posteriormente, para o Serviço de Profilaxia da Febre Amarela. No Saneamento Rural, também exerceu função interina, no Dispensário de Primeira Classe. Em 1926, foi promovido a Sub-inspetor Sanitário, voltando, em 1928, à Profilaxia da Lepra. Em 1927, no mês de abril, viajou para a Alemanha, acompanhando-se de toda a família, para realizar cursos de apefeiçoamento em doenças do pulmão, especialmente da Tuberculose. Voltou no ano seguinte, com muitas idéias renovadoras da Medicina no Ceará, culminadas na fundação do Sanatório de Messejana, inaugurado a 1º de maio de 1933.

Muitas outras funções e cargos exerceu, inclusive a de Diretor da Saúde Pública, depois da reforma Barca Pellon, provando em todos eles o seu largo descortino e capacidade administrativa, só deixando de atuar no setor sanitário quando a legislação das acumulações proibiu o exercício de cargos cujos horários e correlação de matérias

fossem incompatíveis.

No Centro Médico Cearense, o primeiro cargo ocupado na diretoria pelo Dr. Lobo foi o de orador, na gestão 1924/25. Nessa função produziu discursos memoráveis, firmando-se no conceito dos médicos e intelectuais cearenses, como um perorador de grandes recursos, fluente, eloqüente e um estilista incomparável. Brilhou em diversas oportunidades, dando relevo aos seus dotes pessoais que se estendiam à classe.

Ainda no terreno da oratória, o Dr. Lobo demonstrou e provou o seu talento, em 1946, no Primeiro Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, do qual foi o Presidente da Comissão Executiva. Aos congressistas de todos os Estados do Brasil admirou o espírito fulgurante do representante dos médicos cearenses, com sua erudita peça oratória de abertura dos trabalhos, pronunciada na presença do Cardeal Câmara, das autoridades federais, estaduais e municipais e de centenas de participantes, muitos deles luminares homens de saber.

Nesses discursos de raro cunho científico e filosófico, o orador tornou evidente a sua atitude intelectual perante o segredo do homem. Provando que o fim da inteligência é a busca da verdade, afirmou: "o intelecto humano só satisfaz a sua curiosidade inata de conhecimento com a certeza de sua posse integral. Verdades há que só são intuitivas, evidentes "per se", as chamadas verdades analíticas. Outras há que são passíveis de integração à inteligência, após um processo de clivagem, análise e demonstração. Um processo científico, enfim. Se a investigação não vai além das causas imediatas, a esfera é da ciência. Se o raciocínio procura estabelecer o nexo da causalidade entre o fenômeno e as razões remotas, o domínio é da Filosofia. O fim é sempre o mesmo: a pesquisa da verdade. Mas, quem investiga é como quem viaja. É preciso escolher os caminhos. E os caminhos são os métodos".

Lição magnífica para todos os intelectuais, em todas as áreas do saber. E foi mais além o Dr. Lobo, especificando e definindo regras, inclusive para o estudo da História, nosso principal motivo de aplicação e devotamento. A crítica do testemunho fidedigno, mesmo prescindindo dos métodos científicos experimentais deve concorrer para a adesão à verdade, foi isso o que ele explicitou.

A par disso nunca se descuidou o Dr. Lobo de sua clínica particular, que dia a dia mais se avolumava, tratando os doentes em suas próprias casas, no consultório, no Sanatório e em Casas de Saúde. Essa atividade teve início no ano mesmo de sua chegada e instalação em Fortaleza, quando, na Farmácia Amazonas, na Rua Major Facundo, 246, atendia pela manhã, das 9 às 11 e, à tarde, de 14 às 15.

Lembre-se que era seu costume, como de outros médicos da cidade, atender gratuitamente os pobres às sextas-feiras.

Não se poderia deixar de esperar que personalidade de tal monta, armada de tantos atributos de inteligência e liderança, escapasse ao assédio dos políticos, pressurosos em captar-lhe as forças e colocá-las à disposição de seus partidos. O Dr. Lobo possuía todos os predicados para bem desempenhar os cargos que lhe fossem atribuídos e, na prática, quando chegou esta oportunidade, desincumbiu-se a contento, como era de esperar.

Assim, foi Presidente da Assembléia, Vice-Presidente do Estado, Deputado Federal, Secretário do Interior e Justiça, tendo assumido, nesse caráter, interinamente, em 1946, o governo do Estado.

Foi, não resta dúvida, uma personalidade marcante e em todas as funções de relevo que exercitou, sempre com dignidade, respeito e competência, se houve com benevolência e compreensão, procurando dar o justo direito de acordo com a sua reta razão.

Médico erudito, competente e responsável, também associou aos seus predicados o ser possuidor de uma orientação filosófica cristã e de sãos princípios, calcados na moral católica. Dessa maneira, afirmando as suas convicções, o Dr. Lobo, na Sociedade Médica de São Lucas, foi sempre um dos primeiros a aderir e manifestar a sua alegria nas reuniões anuais.

Estimulava outros colegas e valorizava as atividades promovidas pelo Padre Monteiro da Cruz. Nas reuniões preparatórias e mesmo no decorrer dos Retiros, era confortador ver-se aquela figura respeitável na Capela, em atitude de profundo recolhimento, dando o exemplo maior aos companheiros mais jovens. Muitas vezes, na ânsia de aperfeiçoar-se ainda mais em seus conhecimentos teológicos abordava o pregador solicitando luzes para o seu espírito indagador. Satisfeita a interrogação, discutidas as dificuldades para um melhor entendimento, ria pelo prazer de ter revitalizado o seu espírito. Saía daqueles encontros certo de retornar à vida prática, profissional e doméstica, armado das prerrogativas de um duplo sacerdócio: o de médico e o de cristão.

Importa, neste momento, prestar também uma homenagem filial ao Padre Monteiro da Cruz, falecido em Belo Horizonte no dia 12 do corrente. O ilustrado jesuíta, quando escolheu o Dr. Lobo para a presidência da Comissão Executiva do Primeiro Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, teve em mira colocar no principal posto do evento, uma pessoa que, além de prestigiar o certame com a sua autoridade unanimemente reconhecida, fosse também um motivador determinado, resoluto e decidido para enfrentar os óbices tão comuns

aos empreendimentos daquele porte. O Dr. Lobo correspondeu, era evidente que assim ocorresse, traçando as linhas básicas para o êxito do Congresso, firmadas na comprovação das relações íntimas entre a Medicina e a Fé, entre a Medicina e a questão social, entre a Medicina e a vida de família e o indivíduo. Todo esse feliz resultado deveu-se ao entendimento de duas pessoas sintonizadas nos mesmos superiores objetivos; o do médico na cura do corpo e o do Padre, na cura das almas. D. Antonio, balizando as metas alcançadas, previu tal conseqüência, porque estavam à frente dos trabalhos um médico e um sacerdote aureolados pela caridade operante.

O Dr. Lobo que, no dizer de Armstrong "mesclou-se à agitada turba, pesquisando os segredos do homem", deixou-nos também os seus para nossa perpétua busca do entendimento humano. Poucos são os médicos a sintetizar tantas recordações de simpatia e companheirismo. Mas, ele continuará, por muitos anos ainda, a ser lembrado e comentado como sinônimo de afetividade e benevolência. Ser assim revivido pelos parentes, amigos e agradecidos, é imortalizar-se pelas ações beneméritas. Uma memória perdurável é o que fica de uma disposição amena, de um zelo contínuo, de um valor conferido a uma grande vida. Os traços psicológicos dessas pessoas sobrevivem à memória das feições físicas. Quando se pensa na simplicidade e bondade de um indivíduo que viveu a plenitude da vida, este pensamento transforma-o numa realidade quase palpável.

Homem de tanta vivência e de tão boa vivência, não nasceu em vão, como reparara Cícero, sobre a sua própria vida. Viveu sempre o hoje sem orgulho da sorte nem desespero na dor; suportou o inevitável, regozijou-se com o belo, fez o certo, corrigiu o errado, zelou pelo bem, foi firme na Fé e no respeito aos outros. Nunca experimentou a solidão que abate o presunçoso; pelo contrário, participando da alegria alheia e do sofrimento do próximo, andou no meio dos homens sentindo e produzindo afeições, sem esperar que alguma coisa acontecesse, fazendo parte de tudo o que o cercava.

O Dr. Lobo foi um homem que soube crescer em todos os campos em que atuou. A sua reputação duradoura deve-se a essa arte de viver que o caracterizou. Em publicação dedicada ao estudo biográfico de personalidades médicas brasileiras e estrangeiras de vidas exemplares, o jesuíta Padre Friedericks divulgou diversas biografias de homens de ciências e, entre eles, incluiu o Dr. João Otávio Lobo. Neste trabalho, o que se constata é a unanimidade de apreciação de sua bondade, otimismo, desprendimento, atestados por clientes e amigos que dele receberam dedicação, compreensão, desvelo e as luzes do seu saber médico. Colegas e pacientes que privaram da

amizade do Dr. Lobo nele reconheceram, entre suas muitas qualidades, sobressairem a jovialidade, a cortesia, o trato e a iluminação de uma inteligência benfazeja. A par da rica personalidade, a maneira de seu acolhimento faziam milagres diante de um doente em desespero, indo desde o discorrer verbal de um diagnóstico inquietante até ao questionamento da gravidade do caso, sem desanimar tanto a família como o enfermo. Dava resignação cristã, imprimia coragem e despertava confiança.

A origem de todas essas qualidades era a sua atitude otimista perante a vida, utilizando seus momentos de lazer como oportunidade de desenvolvimento intelectual, apreciando a boa música, os bons livros, as boas idéias, as boas companhias, incluindo-se aqui as das velhas amizades sertanejas de vaqueiros e tangedores. Assim, foi feliz e tornou outras pessoas felizes.

Tive algumas ocasiões de convivência com o Dr. Lobo nos Retiros dos Médicos, anualmente pregados pelo Padre Monteiro da Cruz. Era confortante e admirável notar aquele entusiasmo e energia em ebulição. Falava com certo arrebatamento, e, muitas vezes, quando ouvia do pregador alguma idéia que lhe despertava maior enlevo. Pelo conteúdo e originalidade da proposição, enchia-se de arroubo e aprovava com meneios da cabeça. Numa dessas ocasiões, incidentalmente o Pe. Monteiro referiu-se ao Cristo cósmico. Para o Dr. Lobo isto foi a maior revelação daquele retiro. Repetiu diversas vezes a expressão nova para ele, traduzindo-a, na forma do seu rápido entendimento, que era o mesmo da percepção teológica do Pe. Monteiro – um Redentor Cósmico. Durante o resto do retiro não esqueceu a explicação e classificou o fato como a solução de uma sua antiga e perturbadora dúvida teológica. Para ele estavam assim ajustadas a Ciência com a Teologia.

Outro grande momento de alegria sua foi o anúncio da chegada do Cardeal Câmara a Fortaleza, para presidir o Congresso de Médicos Católicos. Na reunião de preparação, quando tomou conhecimento da notícia, com grandes movimentos de braços exclamava a plenos pulmões: O Cardeal! O Cardeal! O Dr. Lobo era assim: naturalmente ativo e enérgico, expansivo, franco e comunicativo.

Por todos estes aspectos de sua vida e de sua obra nota-se quão multifária foi a sua personalidade. E, ajudado por breves notas de apreciação que me forneceu pessoa de larga e íntima convivência com o homenageado, o seu genro e meu dileto colega Dr. Vandick Ponte, posso oferecer uma tentativa de interpretação do conjunto de disposições de espírito e idéias do Dr. Lobo.

Tinha ele uma tendência para defender idéias e conceitos

aparentemente antagônicos, sem ser, no entanto, um contraditor. Harmonizava-se e influía nas pessoas filiando-se à corrente de pensadores da lógica dialética, mas na concepção aristotélica, melhor exposta por Santo Tomás: "Nenhuma coisa pode ser boa, mas alguma coisa poderá ser boa". Assim, era um liberal e ao mesmo tempo um conservador. Identificava o interesse das pessoas ao progresso da Sociedade, opondo-se às reformas radicais. Era tradicionalista com um espírito de certo modo avesso às inovações. Os seus discursos, obras-primas de estilo e conceituação, defendiam bem esse pensamento que, na vida comum, era a tônica de seu comportamento.

Pacífico e bondoso, era de se esperar tivesse na família e na sociedade manifestações de patriarcalismo arcaico. Exercia, porém, sua autoridade sem resumir em si a instituição. Humanista, não se prendia a maneirismos importados. Pertencia ao mundo e fazia parte de tudo que o cercava, participando e agindo. Outro aspecto muito interessante de sua psicologia era essa sua cosmovisão que o tornava um homem aberto, embora, em certas ocasiões fizesse despertar pensamentos e expressões de um nacionalismo que não chegava a atingir os limites de um chauvinismo caracterizado. Apegado à terra, tinha maneiras e atitudes próprias de um regionalista, dos de suas mesmas raízes, aparentando claramente as seculares ligações de sangue e costumes que o prendiam à gleba cearense. Onde melhor demonstrou esta marca foi no Instituto do Nordeste, defendendo, com convicção, a região e valorizando a sua gente a par dessa manifestação de amor à terra natal, da empatia com os problemas sociais, tinha um verdadeiro amor à vida do campo, especialmente a do sertão. Fazendeiro que era, tinha momentos de puro comportamento regionalista. Certa vez, ouvi dele uma manifestação desse traço. Afirmava, em conversa: "Quando estudava no Rio, meu pai me dizia em carta – você está me custando um boi por mês. Quando o Glauco estudava no Recife repeti isto para ele. Agora, mesmo tendo crescido tanto o preço do boi, os meus netos deveriam estar ouvindo a mesma coisa dos seus pais."

Todos os obstáculos foram vencidos, mesmo muitas vezes, custando-lhe grandes esforços, pois, pelo testemunho dos seus colegas mais íntimos, era ele de temperamento ardoroso, pela grande energia que represava. A este respeito cabe citar um pequeno trecho das "Notas particulares" do Dr. Antonio Justa, o insígne patrono da nossa Academia Cearense de Medicina, em que o saudoso médico reconhecia no brilhante companheiro, colega e amigo, um caráter "veemente, fogoso, quase agressivo". Isso, em 1925.

Munido de grande experiência clínica, passou por todos os

estágios da vida, sempre colhendo louros por suas excepcionais virtudes. Ultrapassado o primeiro período de vida profissional, o da provação, tornou-se um luminar da classe. Era freqüentemente convidado para as juntas médicas nos casos mais embaraçosos dos colegas. Sua palavra decidia, muitas vezes, uma nova conduta terapêutica ou orientação de tratamento. E daí a sua crescente reputação. No seu estilo lépido e perspicaz resolvia situações, dentro da prudência que lhe era peculiar. Isto, no exercício da grande clínica particular, que sempre conservou.

No atendimento ao mais carente, deu provas de profundo humanitarismo, acumulando vastos lucros morais. Especializando-se em pneumologia, ainda numa época de poucas deinições específicas de conhecimentos, manifestou disposições de um aprofundamento maior. Sua reputação nessa especialidade não foi meramente acidental; foi, sim, prova de um reconhecimento firmado na observação atenta dos clientes.

Com o passar do tempo, confirmou-se também como homem de letras, produzindo verdadeiras pérolas literárias, de aprimorado lavor, em prosa e em verso. Os discursos de recepção de novos membros da Academia Cearense de Letras são bem a prova disso. São análises críticas das obras que honram tanto os que as escreveram como o que as julgou. A cadeira nº 18, patrocinada pelo grande cientista Moura Brasil ficou ainda mais honrada depois de ter nela assento, o Dr. Lobo. Seus escritos revestiam-se de um carater de síntese e encanto admiráveis, sobressaindo a simplicidade vocabular e a justeza de conceitos.

Recebendo Cândida Santiago Galeno na Academia Cearense de Letras, saudou-a com uma análise da produção literária da escritora, pondo em relevo a personalidade da recipiendária. Tal como ocorreu na abertura do Congresso Médico, o orador deixou, nas palavras iniciais, um toque de sua personalidade. Disse: "percebo realmente o conflito entre um mundo que já vai longe e o mundo de hoje, entre a estabilidade da vida antes da Iª Guerra e a ansiedade dos dias correntes, entre a segurança e as fórmulas estabelecidas do começo desta era e a inquietação e os imprevistos do descambar deste meio-dia do século entre uma sociedade que me parecia hígida e esta **society** prenhe de frustrações e açoitada de neuroses, enfim, entre a serenidade do antanho e esta época que desmantela o átomo.

Não resta dúvida de que o nosso homenageado de hoje, no campo literário foi uma das mais robustas mentalidades de nossa terra, insinuante e apreciado pelo vigor de sua imaginação, colorido e beleza que imprimiu no que criou e escreveu.

O Dr. Lobo, como homem público, na sua passagem pelos diversos cargos e postos que assumiu, prestou serviços inestimáveis. Assim aconteceu na Saúde Pública, no magistério superior, nos parlamentos estadual e federal, na administração pública maior, mesmo servida numa interinidade. Deve-se-lhe expressiva cooperação em atividades de interesse coletivo em favor de empreendimentos de real alcance social e político. Por este aspecto também acrescentaram-se nele a estima dos conterrâneos pelo sentimento cívico de bem servir o nosso Ceará.

A atividade, porém, de maior encanto do Dr. Lobo, creio, foi a de professor, especialmente da Faculdade de Direito, exercida desde seus primeiros anos de vida profissional. Parece-me que deu uma preferência especial sobre as demais suas preocupações. Os antigos alunos revelavam uma verdadeira simpatia, representado num sentimento caloroso e espontâneo de grande respeito e admiração ao professor. E diziam que assistir a uma aula de Medicina Legal do Prof. Otávio Lobo era a tarefa mais amena do currículo escolar. Era proverbial a íntima camaradagem e ausência de preconceitos entre alunos e mestre, todos tendo vez de manifestar seus pensamentos e de solicitar maiores detalhes sobre a matéria explanada. O professor brilhante tornou-se logo popular, dentro de sua linha de educação e lhaneza, provocando uma impressão amável e duradoura nos discípulos, não se sabendo onde lhe cabia mais o mérito; se no zelo que dedicava à preparação das aulas se no método de instrução concebido.

Este homem, que assimilara e guardara tantos conhecimentos, conceitos e comportamentos adquiridos na infância e na adolescência no meio rural, era, por outro lado, um helenista. O pensamento, as idéias e as manifestações estéticas do Dr. Lobo, no que produziu literariamente, certificam afirmar isto, o que bem justifica esperar encontrar nele um humanista que dessa maneira descobriu a sua razão de ser e de atuar.

Era um idealista, pronto a sacrificar interesses pessoais a fins práticos superiores, influindo essa sua maneira de ver os fatos até na apreciação de expressões artísticas, captando o real, o profundo valor estético na conformidade de seu próprio ideário. Essa atitude levou-o ao progresso científico e cultural pela conquista de métodos lógicos rigorosos, fruto da reflexão e do valor de sua capacidade . nal. Singularmente, era também o Dr. Lobo um pragmático, como que a confirmar uma tendência, sem ser um incoerente, quando demonstrava essa atração pelos opostos. Isto comprova uma rara qualidade de certos intelectuais que conseguem ser, ao mesmo tempo,

homens de ação e homens de reflexão.

Cidadão do mundo, no entanto, era um homem de clã, apegado a certos julgamentos de fatos e pessoas pelo ângulo do memorial comportamento dos antepassados, produto que era de uma aristocracia guerreira, desdenhosa de riquezas e de luxo.

Por este conjunto de disposições de espírito, o Dr. Lobo revelou-se um homem como idealizou Marco Aurélio: "um promontório sobre o mar, contra o qual se quebram continuamente as ondas, permanecendo sempre o mesmo, sempre igual, fazendo com que elas se calem e aquietem".

Pela educação, prática da vida, e experiência, conseguiu o nosso homenageado o perfeito domínio de si mesmo, ajudado pela ação extema de uma família bem formada. Com a idade, mais e mais atingiu a plenitude do perfeito equilíbrio, aquela pujança de vontade e de expressão. Pela retidão de seu comportamento juntou em si os benefícios que traz a conduta repleta de eqüidade e de eqüanimidade. Simples, sincero e firme de ânimo, venceu com resignação algumas deslealdades e aleivosias, sobretudo no campo da política, pela complascência que impôs ao seu proceder. Toda a carreira do Dr. Lobo foi marcada por estes sentimentos, alguns deles mais acentuados, como os da solidariedade e vocação de servir. Praticante da bondade, entendeu-a como a perfeição do Ser, exercendo-a de modo abundante, transbordante, comunicando e difundindo a sua benevolência, que era a sua própria felicidade.

Aos setenta anos incompletos faleceu em Fortaleza, a 30 de outubro de 1962, deixando um exemplo consolador aos familiares, aos amigos e colegas de jornada, e motivos incontáveis de perene gratidão.

O Instituto do Ceará não poderia esquecer o exemplo que ofereceu o Dr. João Otávio Lobo aos pósteros, pela preciosa luz que lançou sobre os sérios problemas do Nordeste. Não foi pequena a parte com que, por seu esforço, as atividades culturais do Ceará se sentiram estimuladas. A fibra mental deste cearense de escol concorreu para fazer que muitas das vicissitudes que recaem sobre nós, habitantes dessa região tão ingrata pelos efeitos de um ambiente adverso, fossem suportadas, pela melhor compreensão das causas dos cataclismos. Foi ele um orientador da opinião pública, agindo como valioso apoio da comunidade. A palavra do Dr. Lobo nos meios estudiosos era acatada e seguida, pois significava a voz de um homem de visão, armado de competência e experiência. Sem ser um homem de ciência pura, guardava, no entanto, a noção exata da dependência dos fatos às circunstâncias ambientais. Sua interpretação da nossa história

conformava-se com o pensamento de nossos mais influentes guias, como Pompeu Sobrinho, Guimarães Duque, Francisco Alves de Andrade e Carlos Studart Filho. Por isso, podemos dizer que fomos privilegiados com sua amizade e reconhecemos os enormes benefícios dessa relação.

Sinto-me honrado de poder aqui em nome do Instituto, traduzir este sentimento da nossa centenária instituição.

Aos familiares do Dr. Lobo aqui presentes, filhos, netos, nora e genro, asseguro que o reconhecimento do Instituto do Ceará significa a gratidão de todos os cearenses.

(*) Discurso pronunciado em sessão solene comemorativa do centenário de nascimento do Prof. Dr. João Otávio Lobo. (20.10.92)